

Flores Arrancadas à Névoa

de Arístides Vargas

1995

Tradução: Celso Curi

PERSONAGENS

Raquel	Botânica
Aída	Fotógrafa de praça

A ação acontece por volta de 1950.

1

As duas personagens estão sentadas frente a frente em uma estação ferroviária. Aída carrega uma máquina fotográfica antiga, Raquel, alguns livros.

AÍDA: De que são?

RAQUEL: O que?

AÍDA: Os livros, de que são?

RAQUEL: Como, de que são?

AÍDA: Esquece (*pausa*)

RAQUEL: De botânica.

AÍDA: Ou seja, já tinha entendido...

RAQUEL: O que?

AÍDA: E não me respondeu.

RAQUEL: A pergunta não foi bem formulada, a senhora disse...

AÍDA: Eu sei o que eu disse, disse para que eles servem.

RAQUEL: Não, a senhora não disse isso.

AÍDA: Eu já disse que tiro fotografias em preto e branco?

RAQUEL: Não, não disse isso.

AÍDA: Para a mãe, para o marido...

RAQUEL: Que asneiras esta dizendo?

AÍDA: Para tapar os buracos da parede com uma bonita recordação, sorria, por favor...

RAQUEL: Não tenho vontade.

AÍDA: Também pode enfiar o seu sorriso entre as folhas do livro e retirar quando tiver vontade mesmo que não venha ao caso.

RAQUEL: Não me lembro o que disse.

AÍDA: Disse que existem ocasiões que são de morrer de rir e que é muito bom retratá-las.

RAQUEL: O que?

AÍDA: E dizer para as suas amigas que você era assim quando era feliz.

RAQUEL: Não entendo a senhora.

AÍDA: Eu não sou estúpida, sei o que digo.

RAQUEL: Há uma distância entre mim e a senhora, bastante estúpida, certamente.

AÍDA: A senhora está me insultando.

RAQUEL: À distância.

AÍDA: O que?

RAQUEL: A distância que nos separa é estupidamente maior do que parece.

AÍDA: Tenho que ir.

RAQUEL: Para onde?

AÍDA: Para o trem.

RAQUEL: Não chegou.

AÍDA: Acho que eu ouvi um apito.

RAQUEL: Posso distinguir o apito de um trem entre centenas de sons.

AÍDA: Posso distinguir um prato de grão de bico entre centenas de pratos de grão de bico, aqui fede a podre o que quer dizer que este lugar não é um prato de grão de bico.

RAQUEL: Uma vez...

AÍDA: Olha, não quero que me conte nada, a senhora é muito estranha, e talvez me convença de algo que não sei se é verdade.

RAQUEL: Geralmente me levanto às cinco da manhã e posso distinguir que pássaro está cantando e que pássaro está calado, a manhã não é nada além de uma soma de alguns cantos... de luz.

AÍDA: O que é isso que a senhora tem pendurado no seu peito?

RAQUEL: Gordura.

AÍDA: Mais embaixo.

RAQUEL: Uma medalha da escola de ciências naturais.

AÍDA: A senhora sim que é uma mulher preparada... E existem mulheres lá?

RAQUEL: Obvio! O que a senhora pensa que é, um time de futebol?

AÍDA: Não, mas... creio que as escolas de mulheres são menos pomposas, os homens nos deixaram as escolas de segunda classe, as de corte e costura, ou escolas de desenho, enfim... que cheiro de podre que tem por aqui.

RAQUEL: Agora sim o trem está chegando.

AÍDA: E aonde ele vai?

RAQUEL: Pra você o que importa?

AÍDA: Por que está partindo?

RAQUEL: Não quero falar com você.

AÍDA: Ninguém é expulso de um país porque se levanta às cinco da manhã escutando os passarinhos, seguindo esse critério todos os que tivessem um canário seria um republicano.

RAQUEL: Sou botânica.

AÍDA: Pior, porque então todos os que têm um jardim seria um terrorista, todas as pessoas que reguem malvas subversivas, e os vegetarianos seriam fundamentalistas gastronômicos.

RAQUEL: Você não bate bem! Tonta que nem seu rabo!

AÍDA: Existem rabos que não tem nada de tontos, e mais, existem rabos que são muito mais inteligentes do que o resto.

RAQUEL: Eu já vou.

AÍDA: O trem não chegou.

RAQUEL: Posso distinguir o trem que me cabe entre centenas de trens que chegam e que partem.

AÍDA: Me conta uma história.

RAQUEL: Não tenho tempo, o trem...

AÍDA: Uma história que caiba entre nós e o último apito do trem.

RAQUEL: Se eu te conto uma história não irá mais me atormentar?

AÍDA: Sim

RAQUEL: Bom...

(A luz reduz)

2

(Um foco ilumina Aída que tenta reconstruir, como se fosse um exercício, a composição da família)

AÍDA: Tentemos de novo, Tia Carmen foi dada ao Tio David em troca de uma vaca, Tio David morreu de cirrose devido a ingestão de bebidas espirituosas, a Tia Carmen tinha os peitos tão grandes como os da vaca pela qual ela havia sido trocada, Tia Lilia, irmã da Tia Carmen e irmã da minha mãe, não tinha peitos, mas tinha os dentes lindos com os quais em sua juventude mordeu um namorado que vinha de Villafranca e por isso ela nunca mais teve ninguém para morder, ficou conhecida como a mordedora ou dente alegre e internada na casa de repouso das Irmãs Del Pilar, mais conhecido como o hospício da Madre Pilar, o único que agüentou suas mordidas foi o Tio Pepe que não era seu namorado oficial, mas a família sabia devido às marcas, sinais, dentadas ressecadas na cara, mãos, pescoço e em outros locais menos públicos que o Tio Pepe era o Tio Pepe... não, não, estou me esquecendo da tia Mercedes... comecemos de novo: tia Carmen era uma vaca que foi trocada por um tio ateu que gostava de morder as freiras, pelo que foi tachado de comunista, preso e mais tarde fuzilado. Tinha cirrose, mas morreu em perfeito estado de saúde.

(A luz vai reduzindo sobre Aída)

3

(Luz sobre Raquel)

RAQUEL: É evidente que quando alguém começa a confundir gasolina com vermute, é porque as coisas não andam bem. Tento enumerar as vezes que meu pai esmurrou a mesa com o punho fechado diante da transformação de minha mãe em acuada e não consigo fazer as contas exatas e talvez devesse enumerar as vezes que minha mãe confundiu gasolina com vermute e meu pai golpeou a mesa de novo com o punho cerrado. Mesa objeto do gênero feminino, propensa a suportar porradas de pais briguentos sem dizer nada. Golpes, bofetadas, quebradeira de pratos, suportar como suportam as mães, a diferença é que as mesas têm quatro pés.

(Blackout, som de um trem que começa a se movimentar)

4

(A Luz cresce sobre Raquel e Aída que estão sentadas uma ao lado da outra)

AÍDA: Não é que eu quisesse sentar-me ao seu lado, o que acontece é que não existem mais assentos...

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: *(Tirando um pedaço de queijo e um pão, se prepara para cortá-los e comer)* Quer? Sei que a senhora é muito preparada e que não come queijo assim dessa maneira...

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: E, não existem mais assentos porque não existem mais cavalheiros. E não existem cavalheiros porque estão todos na guerra. Pronto!

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Era uma piada... digo a coisa dos cavalheiros e da guerra era uma brincadeira... entendeu?

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Uma vez tirei uma foto de um senhor que usava gravata, mas que não dava para ver porque tinha uma papada tão grande que cobria parte do pescoço e do peito... Percebe? Mais que uma papada, era como um babador, enfim...

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Cheirava. O senhor da papada cheirava... a senhor, mas o retrato tinha cheiro de podre, pensei que era o papel, mas não, era outro tipo de putrefação, logo soube que ele era ministro...Sim! Adoro conversar com a senhora. Quer queijo?

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Não me importa se a senhora não quer participar, responder. Aqui estamos enfermos de silencio. Espantados como andamos sós e abrimos a boca para tomar ar, e continuamos com a boca lacrada... é que me dá uma raiva pensar que as pessoas não digam um pio, que as pessoas se calem...

RAQUEL: Me dá um pouco de pão.

AÍDA: *(Silêncio)*

RAQUEL: Um pouco de pão...me dá?

AÍDA: *(Silêncio)*

RAQUEL: Quem cala consente... *(Roubando-lhe um pouco de pão)*

AÍDA: *(Silêncio, a ponto de explodir)*

RAQUEL: Um pouco de queijo... Me dá um pouco de queijo?

AÍDA: *(Silêncio insustentável)*

RAQUEL: Quem cala consente...

AÍDA: Olha lá que a minha comida não é de todos! Primeiro fica como uma tumba e depois me rouba a comida.

RAQUEL: É que você disse...

AÍDA: Não me trate de você porque eu não lhe dei essa intimidade.

RAQUEL: Tá bom, a senhora...

AÍDA: Eu sei que a senhora é estudada e que é membra...

RAQUEL: Membro.

AÍDA: Isso mesmo, da academia de corte e costura.

RAQUEL: De ciências naturais.

AÍDA: Bem dá no mesmo.

RAQUEL: Não é o mesmo.

AÍDA: Para mim, todas as escolas são de corte e costura e pronto.

RAQUEL: Bem mulher, me perdoe.

AÍDA: Que Deus a perdoe, afinal ele recebe para isso.

RAQUEL: Não exagere.

AÍDA: Claro, como a comida não é sua...

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Eu não gosto que me roubem a comida.

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Porque não... porque para mim... Por que não me respondeu quando eu falava com a senhora?

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: É o orgulho, né? Mas, quando a fome aumenta, que se dane o orgulho, a honra, né?

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Vai começar de novo?

RAQUEL: *(Silêncio)*

AÍDA: Está bem, eu a perdôo, eu sei que a senhora é uma mulher bem preparada...

RAQUEL: Por favor, não fale assim porque eu me sinto como se fosse uma horta...

AÍDA: Gostou do queijo?

RAQUEL: Com vinho teria sido melhor.

AÍDA: Olha, a senhora tem marido?

RAQUEL: Porque essa pergunta?

AÍDA: O que a senhora pensa dos homens?

RAQUEL: Que são peludos e que pesam entre sessenta e cem quilos.

AÍDA: Existem uns mais pesados.

RAQUEL: Você sentiu o peso de muitos?

AÍDA: Não, mais pesados de caráter eu estou falando... Ademais só senti o peso de um...

RAQUEL: E quanto ele pesava?

AÍDA: Não tive tempo de me interar.

RAQUEL: Isso está correto porque o desejo é o lado pratico do amor.

AÍDA: Praticamente não me interei de nada.

RAQUEL: Mas alguma graça deve ter tido.

AÍDA: Nenhuma.

RAQUEL: Então por que fez?

AÍDA: O que eu poderia fazer? Ele nu, eu nua, os dois nus em uma cama... não ia começar a tricotar. Não? Parecia uma radiografia.

RAQUEL: Quem?

AÍDA: Ele parecia uma radiografia... *(pausa)* Ele, parecia uma radiografia... *(pausa)* e de repente essa radiografia saltou sobre mim e começou a fazer flexões de peito, eu parecia uma tábua, éramos uma radiografia sobre uma tábua ou uma tábua debaixo de uma radiografia...

RAQUEL: Uma imagem bastante apaixonante...

AÍDA: Não ria.

RAQUEL: Não, não estou rindo... eu fiz a primeira vez com um mapa-múndi.

AÍDA: O que?

RAQUEL: Era tão redondo...

AÍDA: Conta, conta...

RAQUEL: Tão circular...

AÍDA: Era um carrossel, com cavalinhos...

RAQUEL: Sim, e o cavalinho do carrossel era bem agitado... Olha, eu creio que existem dois tipos de homens, os cadavéricos tipo radiografia e os circulares como carrosséis com cavalinhos. Esses últimos sabem cavalgar tão bem que terminam como gerentes de algum banco e largando suas mulheres. *(Pausa)*

AÍDA: Prefiro as radiografias.
Ele dividia o queijo.

RAQUEL: Quem?

AÍDA: O radiografia.

RAQUEL: Que romântico!

AÍDA: Se for rir de mim, não lhe conto e ponto final.

RAQUEL: Não estou rindo... é melhor um ramo de flores do que um ramo de queijos.

AÍDA: ***(Silencio)***

RAQUEL: ***(A ponto de cair na gargalhada)*** As pessoas do campo selam as suas paixões com comida...

AÍDA: ***(Silencio e com desconfiança)***

RAQUEL: Do coração ao estomago existe apenas quatro dedos de distância...

AÍDA: **(Explodindo)** Acabou, não conto mais nada e ponto final.

RAQUEL: Não fique assim, me conta seu romance com o queijeiro...

AÍDA: Mineiro...

RAQUEL: Ele era de Minas?

AÍDA: Não, fedia a queijo de minas e por isso o chamavam de Mineiro, à tarde, quando ele vinha, primeiro chegava o cheiro de queijo e depois ele...

RAQUEL: Um amor lácteo.

AÍDA: Vai começar de novo?

RAQUEL: Perdão...

AÍDA: E daí, ele fedia a queijo e o que mais?

RAQUEL: Está bem.

AÍDA: Pois saiba a senhora que as pessoas tem o cheiro do seu ofício e saiba a senhora que aquela radiografia com cheiro de queijo, depois daquela primeira vez que eu não senti nada e que fiquei como uma tábua e que ele seguramente tão pouco sentiu nada, porque era uma radiografia assustada, aquele homem magricelo, com sua nudez em preto e branco como nas radiografias, se meteu em meu coração e fechou a porta do lado de dentro e nunca mais saiu, pois saiba a senhora.

RAQUEL: Uma vez, em meu povoado, esquartejaram um camponês, era um homem bom, mas cometeu um erro, amava tanto uma mulher que a raptou, o povo não entendeu essa grande paixão e cortou ele em pedaços. É esquisito, mas quando se está inteiro se pertence a si mesmo, mas quando se está despedaçado é extremamente complexo saber a quem pertence cada uma das partes, a mulher raptada recolheu um pedacinho, ninguém até hoje sabe que parte ela levou.

AÍDA: É de se supor que ela passou alguns dias sozinha com ele...

RAQUEL: O coração de um morto é só um pedaço de carne.

AÍDA: Eu não estou falando do coração.

RAQUEL: Eu tão pouco... *(riem)*

RAQUEL: A senhora seria capaz de um ato extremo?

AÍDA: Como o que, por exemplo?

RAQUEL: Sei lá... cortar a pata de um animal doente, por exemplo.

AÍDA: Não, deixaria que o apodrecimento fizesse seu trabalho até o final.

RAQUEL: Te dá medo.

AÍDA: Não, tenho nojo, mas não medo.

(Ruído de um trem que freia bruscamente, a luz reduz até o black-out)

5

(Luz sobre Raquel)

RAQUEL: Congelados: pessoas que se esqueceram de seus arquivos mais afetivos.
Esburacados: pessoas com vazios circulares na altura do peito.
Sombras: diz-se das pessoas que andam pelo mundo buscando o outro, ou outra, para materializar seu desamparo.

(black-out)

6

(A luz cresce sobre Aída e Raquel, na fila da imigração e alfândega na fronteira)

AÍDA: Ai, Senhora Raquel eu estou muito tensa!

RAQUEL: Fique tranqüila mulher, que se trata apenas de um controle!

AÍDA: Sim, mas que controle minha nossa, que controle!

RAQUEL: Coma algo, sei lá...

AÍDA: Sim, não há outra coisa para comer, pão e queijo que é o que temos... olha isso senhora, esse policial alem de revistá-la a está

violentando, Meu Deus, tem que ser um degenerado? Juro que se ele me toca dessa maneira... explodo.

RAQUEL: Por favor, Aída.

AÍDA: Ou acabo morta de prazer.

RAQUEL: Se ajeita. Isso está me metendo medo.

AÍDA: Meu Deus, como ele a revista!

RAQUEL: Por favor, controle-se e penteie-se que seus cabelos parecem um ninho de cegonha.

AÍDA: Olha, sem insultos! Hein?! Eu sou uma artista e se eu estou lhe acompanhando é porque a senhora me pediu.

RAQUEL: Não quer ir?

AÍDA: É que não estamos indo, estamos fugindo e cagadas de medo.

RAQUEL: Então, fique.

AÍDA: Quero ir... mas sem beliscões nem bolinação.

RAQUEL: Se arrume para não chamar a atenção, eu também estou cagada de medo.

AÍDA: Mas, olha como ele a toca!

RAQUEL: Pare com isso, senão vão nos prender.

AÍDA: Eu sou uma saída.

RAQUEL: O que?

AÍDA: Primeiro sai de casa, depois sai do trabalho que eu tinha, agora estou saindo fora desta guerra, é que sou uma saída.

RAQUEL: Fale, mas fala baixo.

AÍDA: Saí também do internato, é que eu não gostava de ficar na fila, usar uniforme, ficar com o mesmo caderno, com as mesmas palavras, não gostava de enfiar os miolos em um caderno e não tirá-los de lá até a hora do recreio, éramos desmioladas.

RAQUEL: Endireite-se.

AÍDA: Crescemos assim, com um imenso pente guilhotina sobre nossas cabeças.

RAQUEL: Cale-se!

AÍDA: Se levantávamos o olhar, o pente nos arrancava a cabeça sem parcimônia, crescemos olhando para o chão nos sentindo culpadas por algo que não havíamos feito.

RAQUEL: Não gostavam de você.

AÍDA: Não, as freiras eram muito boas.

RAQUEL: Então se as freirinhas gostavam de você e não permitiam que levantasse a cabeça é porque as coisas que elas haviam metido lá dentro pesavam muito. Deus, por exemplo.

AÍDA: Olhe, não se meta com Deus, que Deus... Deus é um assunto endiabrado, não sei se a senhora me entende.

RAQUEL: Você é tão ridícula quanto as suas freiras, a diferença é que elas eram ridículas por opção e você por instinto.

AÍDA: A senhora se aproveita que estamos nesta situação de merda na qual a senhora se encarregou de me meter. Quero dizer que não sou uma “qualquer”, sou uma artista...

RAQUEL: A artista deve manter-se calma. Caminha.

AÍDA. Estou nervosa. Meu Deus, esse cara parece um gorila.

RAQUEL: Caminhe!

AÍDA: Não posso...

RAQUEL: Caminhe!

AÍDA: A artista não pode caminhar.

RAQUEL: Temos que atravessar para o outro lado. Ultrapassá-los. Caminhe!

AÍDA: A artista está se mijando de medo.

RAQUEL: Eles não sabem que você não tem os documentos.

AÍDA: Mas eu sei que não tenho os documentos.

RAQUEL: A artista deve se acalmar; é necessário que se acalme. Você é forte, se não se acalmar... sacana de merda...

AÍDA: Quero ir ao banheiro...

RAQUEL: Não pode, agora não podemos.

AÍDA: É que eu quero ir agora.

RAQUEL: Não pode, entenda, não pode, tire uma foto minha... um retrato...

AÍDA: Eu já fiz.

RAQUEL: O que?

AÍDA: Na minha cabeça.

RAQUEL: Não entendo você.

AÍDA: Estou me urinando.

RAQUEL: Não pense nisso... o retrato, como é o retrato?

AÍDA: A mesma boca desesperada, os mesmos olhos, as bolsas balançando no ar e o ar atrás, sempre o ar... todas nós temos o mesmo rosto sem fisionomia... Raquel!

RAQUEL: Sim?

AÍDA: Acabo de me urinar.

RAQUEL: Caminhe!

AÍDA: É horrível.

RAQUEL: Caminhe.

AÍDA: Sou uma cascata morta de medo.

RAQUEL: **(A um personagem imaginário)** Sim, senhor inspetor... só um minutinho, aqui estão os documentos.

AÍDA: Estou chovendo debaixo do meu vestido.

RAQUEL: **(Ao inspetor)** Sim... A senhora? Sim... é artista, fotógrafa, e vai... vai... Aonde vai a artista?

AÍDA: Ao banheiro, se possível.

RAQUEL: A Nova York!

AÍDA: Eu vou à Nova York?!

RAQUEL: Você vai à Nova York, e ponto.

AÍDA: Não.

RAQUEL: A uma exposição, em Nova York, a uma exposição... Como você se chama? Como você se chama?

AÍDA: Quem?

RAQUEL: Você. Como se chama?

AÍDA: Aída. Como vou me chamar?

RAQUEL: A artista, como se chama?

AÍDA: A artista, como se chama? Rembrandt?

RAQUEL: **(Ao inspetor)** Aída Rembrandt.

AÍDA: Sim, me chamo assim.

RAQUEL: É cubista.

AÍDA: O que é isso?

RAQUEL: Você é cubista e ponto final.

AÍDA: Bom, sou isso que ela diz.

RAQUEL: Vamos a Nova York já disse.

AÍDA: E México, também vamos ao México?

RAQUEL: Ao México, também vamos.

AÍDA: Na marra, iremos ao México!

RAQUEL: Cale-se!

AÍDA: Só estava tentando...

RAQUEL: Não tente nada, por favor... Os documentos da senhora? Ela acabou de mostrar.

AÍDA: Pai nosso que estás no céu...

RAQUEL: **(Ao inspetor)** Ela é muito religiosa... os documentos nós já lhe entregamos.

AÍDA: **(Ao inspetor)** Olhe senhor, não sei se o senhor compreende o que estamos tentando dizer, ela já entregou os documentos.

RAQUEL: É isso que eu estou lhe dizendo.

AÍDA: Sim, mas com essa sua vizinha... parece que falta caráter à sua voz.

RAQUEL: Quer falar você?

AÍDA: Não.

RAQUEL: Obrigada.

AÍDA: Mas põe um pouco mais de substância.

RAQUEL: Cale-se!

(Raquel e Aída levantam os braços bruscamente para serem revistadas por um guarda)

AÍDA: Começa a bolinação.

RAQUEL: Desfrute o máximo que puder.

AÍDA: Esse cara em vez de bolinar, amassa.

RAQUEL: Estou sentindo vontade de rir.

AÍDA: Este é um degenerado, deve combinar a profissão de guarda com a de padeiro.

RAQUEL: Ui! ui...! Isso não se faz com uma dama.

AÍDA: Parece que você está gostando.

RAQUEL: É que sinto cócegas.

AÍDA: Mas está passando muito bem com as cócegas, não?

RAQUEL: Ah, mulher! o que você quer que eu faça?

AÍDA: Sacanas, por que não fazem isso com as suas mães...

RAQUEL: Ai que calor Deus meu, que calor!

AÍDA: Cretinos nem se tivéssemos tetas portáteis.

RAQUEL: Fale baixo que eles podem escutar.

AÍDA: Aperte e esfregue, aperte e esfregue, meta a mão, seu escroto, que é grátis!

RAQUEL: Controle-se!

AÍDA: Por que não fazem isso com as suas mães?

RAQUEL: Fale baixo.

AÍDA: Deixe que eu lhe manuseio, “mamãe”, você pode ter uma bomba no ventre.

RAQUEL: Quieta!

AÍDA: Relaxe, “mamãe”, que é apenas uma revista de rotina.

RAQUEL: Quieta.

AÍDA: Por que merda eles nos revistam assim?

RAQUEL: Porque são os vencedores.

AÍDA: São?

RAQUEL: Os vencedores metem a mão no traseiro dos vencidos.

AÍDA: Sacanas!

RAQUEL: Nos traseiros dos vencidos se pode fazer o que quiser inclusive meter o pé e expulsá-los de um País.

AÍDA: O que vulgarmente se conhece como pé na bunda.

(Abaixam os braços)

- RAQUEL: ***(Ao guarda)*** Os documentos?
- AÍDA: A vaca volta pro brejo.
- RAQUEL: Eu já dei.
- AÍDA: Eu já entreguei os documentos, quero dizer...
- RAQUEL: Você, não quer dizer nada... ***(ao guarda)*** A artista não quer dizer nada... ***(a Aída)*** A artista é diabética e está perguntando sobre os seus medicamentos... pergunte.
- AÍDA: Sim... ***(sem muita convicção)*** Os medicamentos... onde estão os medicamentos?
- RAQUEL: Mas onde os colocou mulher? Tem certeza que não deixou no carro? E o motorista?
- AÍDA: Que motorista?
- RAQUEL: O motorista.
- AÍDA: Sim... o motorista... os medicamentos... o carro. Meu Deus que confusão!
- RAQUEL: Mas, está na bagagem.
- AÍDA: Quem?
- RAQUEL: Os medicamentos.
- AÍDA: Pensei que o motorista estava na bagagem. .
- RAQUEL: Caminhe, imbecil...
(Ao guarda), está mal, ela não está bem, precisa ir até a bagagem.
(A Aída) Caminhe.
- AÍDA: Não posso.
- RAQUEL: A artista está a ponto de desmaiar. Precisa dos seus medicamentos.
- AÍDA: Sim, imploro pelos meus medicamentos, quero dizer: Meus medicamentos! Vou desmaiar.

RAQUEL: Caminhe

AÍDA: Não olhe para trás, caminhe sem chamar a atenção. Tranqüila... isso, caminhe, agora aperte o passo... isso, caminhe como se estivesse no ar, isso... caminhe por bosques e cidades, caminhe pelos dias, pelos anos, caminhe por calçadas sem a menor idéia, pelas ruas sem o menor propósito, caminhe, querida, caminhe.

(Black- out)

7

(Luz sobre Aída)

AÍDA: Uma fronteira é uma corda, antes eu não sabia, agora eu sei, uma corda para enforcar as avós que recolhem amêndoas e caem brutalmente assassinadas pelo esquecimento, porque me esqueci, que meu próprio esquecimento é uma corda e uma fronteira, e uma avó e um avô que canta canções de uma guerra que o deixou meio cego e com um sério temor aos ruídos violentos, esta corda é composta de ciclos estridentes que te dilaceram os tímpanos da alma, isto eu sei agora que cruzei varias fronteiras e sei que é assim o que eu vivi. E me conformei de que assim fosse e assim sofresse.

(Black- out)

8

(Luz sobre as duas personagens sentadas frente a frente)

RAQUEL: Aída.

AÍDA: Sim?

RAQUEL: Você seria capaz de matar?

AÍDA: Quem?

RAQUEL: Me matar, por exemplo.

AÍDA: Sim, seria capaz de matar, mas não a senhora.

RAQUEL: Eu seria uma pessoa cruel se eu te pedisse isso?

AÍDA: Sim, mas nunca uma pessoa feroz.

(Black-out)

9

(Luz sobre Raquel)

RAQUEL: Estou em uma das elevações dos Andes amazônicos, estou junto as bela-emílias, estou com as flores azulzinhas condenadas a viver com à névoa. Se eu as cortasse, elas morreriam em minutos, estou junto a elas que estão condenadas ao lugar onde nasceram, obrigadas a viver sob a mesma luz, não toleram a luz de outro lugar, estou junto a essas flores que se negam a fazer parte de um catálogo de flores mortas, estou disposta, como elas, a me desintegrar em um pó diminuto, estou fora da minha luz, obscurecida, arrancada da minha luz.

(Black-out)

10

(A luz sobe sobre Raquel e Aída; estão entre plantas e flores)

AÍDA: Não entendo, francamente não entendo..

RAQUEL: O que é que você não entende?

AÍDA: Para que cortamos estas plantas? Se Deus as colocou aqui foi por algum motivo, não?

RAQUEL: Para que nós as cortemos e as estudemos.

AÍDA: Nós?

RAQUEL: Sim, os estudiosos interessados no assunto.

AÍDA: E se lhes interessa tanto o “assunto” que venham até aqui e estudem.

RAQUEL: Nem sequer sabem que existem essas flores.

AÍDA: Que venham e nós apresentamos essas flores a eles...

RAQUEL: Aída, por favor...

AÍDA: Francamente, não entendo.

RAQUEL: O que é que não entende?

AÍDA: Nada, nada...

RAQUEL: Bem, esta é uma trisglósidi...

AÍDA: Meu Deus! Isso parece nome de doença venérea.

RAQUEL: O que?

AÍDA: Sim, por exemplo: à noite estive com um cara e peguei uma trisglósidi, ou, tenho a trisglósidi inflamada.

RAQUEL: As plantas recebem o nome de quem as descobre...

AÍDA: Mas quem é que vai se chamar trisglósidi? Imagina: me chamo Trisglósidi e você? Gilípollis?

RAQUEL: Cale-se!

AÍDA: Não, pois se é assim mesmo como estou dizendo.

RAQUEL: Sim, até agora você só falou bobagens.

AÍDA: Por isso.

RAQUEL: Por isso o que?

AÍDA: Por isso que não querem vir até aqui para estudar essas flores.

RAQUEL: Você está querendo me deixar louca?

AÍDA: Não.

RAQUEL: Então limite-se a fotografar as plantas que eu te indico.

AÍDA: Assim será.

RAQUEL: Obrigada. **(Pausa)**

AÍDA: Me diga uma coisa, mas seja sincera, não minta pra mim.

RAQUEL: Nunca menti para você.

AÍDA: Para que cortamos estas flores?

RAQUEL: Eu já te disse, porque uns senhores muito velhos que estão na universidade...

AÍDA: Ou seja, são muito velhos e não podem viajar.

RAQUEL: Isso, nós demonstramos que estas plantas têm propriedades especiais, aí eles viajam.

AÍDA: E se eles levam as flores e tiram partido disso, são velhos, mas não são idiotas.

RAQUEL: A ciência apenas faz perguntas, as respostas não dependem de nós.

AÍDA: A ciência pergunta: para que servem essas plantas? Os outros respondem: para fazer negócios e aí acabou a conversa, que charlatães que vocês são.

RAQUEL: É um negócio, não uma declaração de amor.

AÍDA: É uma injustiça.

RAQUEL: A ciência...

AÍDA: A ciência tem olho gordo.

RAQUEL: Em ciência ter olho gordo é ter uma boa visão.

AÍDA: Deveriam emagrecer o olho e deixar de sacanear as plantas.

RAQUEL: Quem deveria deixar de sacanear é você.

AÍDA: Se as orquídeas falassem fariam greve.

RAQUEL: Essa forma de pensar te causou a perda de um país.

AÍDA: Não é que eu queira ser a defensora das flores, mas fazer negócios com elas não me parece correto.

RAQUEL: Nada é coreto, nada.

AÍDA: Se Deus colocou elas ali é por alguma razão.

RAQUEL: Lá vem você usar Deus de novo, continue.

AÍDA: Ele não permite que ataquem a natureza sem sentimento.

RAQUEL: Pior é atacar os homens em nome de Deus.

AÍDA: Não se meta com Deus que ele não é nem cientista, nem político.

RAQUEL: Não ele é o Deus do trabalho.

AÍDA: Ele criou as plantinhas e os senhores vendem eles, muito bonito, né?

RAQUEL: Eu não vendo nada, e porque você meteu Deus nisto?

AÍDA: Foi a senhora que meteu ele nessa.

RAQUEL: Encheram as nossas vidas de Deus, nos embutiram Deus como se fossemos umas lingüiças de genuflexórios. Existe demasiado Deus nas palavras, há demasiado Deus na religião, há demasiado Deus na palavra Deus.

AÍDA: Não mude de assunto, que não estávamos falando disso.

RAQUEL: Eu sim, estou falando disso.

AÍDA: Sinto que estou colaborando com um “floricídio”.

RAQUEL: Você não tem que fazer isso se não quiser.

AÍDA: Cada vez que arranco essas flores, me parece que estou fazendo com elas o que fizeram comigo.

RAQUEL: Comigo, com você e com minhas... flores arrancadas para serem atravessadas por alfinetes, e seccionadas, fibra por fibra... de que matéria é feita nossa essência?

AÍDA: Sabe de uma coisa? Eu não quero continuar cortando flores, não me importa a mínima todo esse assunto da academia, minhas inquietudes científicas chegaram até aqui, mas estou cagando pra isso! Quem mandou eu me meter em semelhante confusão. A ciência pode se virar perfeitamente sem a minha colaboração. Eu tirava fotografias e não fazia mal a ninguém e agora estou metida nesta selva... Por ser bocuda me aconteceu isso, eu nunca deveria ter dado minhas opiniões, mas acabou, atiro a toalha, e aí permaneçam as putas flores, a puta academia, a puta

selva que a única coisa que ela me fez foi esquentar a minha cabeça e encher meu corpo de picadas, mas acabou, eu não sou uma puta da ciência.

- RAQUEL: Terminou?
- AÍDA: Digamos que sim.
- RAQUEL: Estou de acordo com você.
- AÍDA: Comigo?
- RAQUEL: Sim.
- AÍDA: Então por que cassete você corta as floes?
- RAQUEL: Para estudá-las, depois secá-las, fazer chá e tomá-las em infusão.
- AÍDA: A senhora sim que é estranha.
- RAQUEL: Como as orquídeas mariposa.
- AÍDA: Orquídeas mariposa?
- RAQUEL: Sim, é aquela planta que você vê ali, não tem raízes, ou se tem, ficam no ar, no ar puro.

(A luz diminui)

11

(Sobe a luz sobre Raquel)

- RAQUEL: As flores atacadas pelo medo devem ser mutiladas. A hipótese consiste no seguinte...

(Black-out)

12

(A luz sobe sobre as duas mulheres que se movem suavemente como em um rio)

AÍDA: Se lembra?

RAQUEL: De que?

AÍDA: Nada.

RAQUEL: Não sei... não sei...

AÍDA: Que?

RAQUEL: Ha quanto tempo estamos neste rio?

AÍDA: Não sei. O que está olhando?

RAQUEL: As nuvens... você ouve?

AÍDA: O que?

RAQUEL: Os pássaros.

AÍDA: Aqui os ruídos são abundantes.

RAQUEL: É um canto muito particular... os pássaros.

AÍDA: Não me diga que vai se dedicar a estudar os pássaros. Não nos descuidemos das plantas e florzinhas, pois elas são muito suscetíveis.

RAQUEL: É uma comunicação perfeita.

AÍDA: Senhora, os pássaros não falam e se eles falassem diriam sempre as mesmas coisas.

RAQUEL: Imagina que um deles pergunte onde estás e o outro responda aqui, é necessário apenas se certificar que o outro está ali para depois sumir no silêncio do vôo. O vôo é a conversação.

AÍDA: Mas senhora, o que pode falar uma pomba? Apesar de ter que reconhecer que tem gente que tem menos juízo que uma pomba, sem querer ofender as pombas, é claro.

RAQUEL: Às vezes olho para você... indo e vindo recolhendo flores, às vezes se detém, às vezes volta a mover-se... fala comigo, e, então, se aproxima de mim voando.

AÍDA: Estamos bem perto, eu trabalho e a senhora pensa nos passarinhos.

RAQUEL: Quando falo de estar perto, não me refiro ao trabalho que você executa, reconheço que tirar fotos das flores e me ajudar com as plantas é bastante pesado, mas às vezes creio que o que mais me ajuda é ter você por perto, que não seria igual com outra pessoa, porque você me devolve a recordação de onde venho, nosso sotaque é o mesmo e isso me faz recordar que eu nasci em um lugar faz muito tempo, um lugar onde um dia roubei uma cereja e desde então não posso imaginar uma cereja sem ser roubada um dia qualquer da infância, é difícil imaginar esse lugares sem mulheres como você e como eu, expulsas do lugar em que nascemos por acreditar que os homens poderia chegar a ser homens de bem.

AÍDA: Nós mudamos senhora e também mudaram os lugares onde um dia vivemos.

RAQUEL: Pode ser, mas isso não nos livra de que em certas horas de dor por coisas perdidas nos devolva certa rua, e certo aroma...

AÍDA: Essas coisas não são reais, estão em nossa memória, mas não são reais, estas mãos são reais.

RAQUEL: Porque talvez você não necessite de outras mãos.

AÍDA: Não quero ter outras mãos.

RAQUEL: Você poderia tocar violino com outras mãos.

AÍDA: Para mim é suficiente que possa levantar uma colher.

RAQUEL: Você se nega a recordar?

AÍDA: Não tenho vontade de recordar, a senhora acredita que a terra que deixamos é melhor do que esta?

RAQUEL: Eu não disse isso.

AÍDA: A senhora crê que as pessoas deste país gostam de escutar a todo o momento que existe um país melhor que o deles?

RAQUEL: Não, não é assim.

AÍDA: E se é melhor, porque nos expulsaram?

RAQUEL: Você fala de um lugar e eu falo da distância que me separa dele.

AÍDA: Eu digo que a pocilga de onde viemos não é melhor do que a pocilga onde vivemos agora.

RAQUEL: É que nunca vivemos em nenhum lado.

AÍDA: Eu sim vivo neste rio.

RAQUEL: Eu comecei a viver em nenhum lado

AÍDA: Então estamos estrepadas.

RAQUEL: Por que?

AÍDA: Porque não viajo com uma mulher.

RAQUEL: E?

AÍDA: Viajo com uma morta.

RAQUEL: Eu não morri, desapareci, um passe de mágica e, ZAS!, Desapareci.

AÍDA: Então estamos melhor, eu não viajo com uma morta e sim com um coelho.

RAQUEL: Não, você viaja com uma cega que toca uma música da qual ninguém se lembra, a música cai do seu acordeão rua abaixo e atrás dela a cega que a persegue... rua abaixo, rua acima, abaixo, sem final e depois mais uma música incansável cai do seu acordeão e se parte em pedaços contra o piso. Pobrezinhas de nós sem música, em silêncio. Quer cantar?

AÍDA: Não.

(Black- out)

13

(Luz sobre Aída)

AÍDA: Eu me lembro que em uma aldeia dos Andes, na praça, havia um anjo e em sua asa havia uma orquídea, esse anjo olhava para a orquídea como olham os anjos quando estão cabreiros, mas como não podia mover-se, porque era anjo, e os anjos só se movem para ir da igreja à praça e ali permanecerem petrificados,

tinha que agüentar em sua asa essa louca flor do ar; um dia farto das putas flores em sua asa, sacudiu-se e a flor ficou suspensa no vazio. Aí eu me dei conta que viver como estrangeiro é como viver no vazio, não ser reconhecido por aqueles que ocupam um lugar, pela terra o direito de estar vivendo sobre ela.

(Black-out)

14

(A luz sobe sobre Raquel e Aida. Raquel está no chão com a boca cheia de terra, como uma menina)

AÍDA: **(Enquanto Raquel sente febre)** Não coma terra! Quantas vezes eu tenho de dizer, não coma terra!

RAQUEL: Eu estou me enterrando.

AÍDA: Emporcalhando, a senhora quer dizer

RAQUEL: Estou comendo a terra prometida.

AÍDA: Não comece com as suas piadas.

RAQUEL: É sempre gratificante colocar um pouco de terra na boca antes de dormir. Você quer um pouco?

AÍDA: Não, obrigada, já jantei.

RAQUEL: Não quero que ninguém entre em meus aposentos. Ouviu? Não quero que me vejam comendo terra.

AÍDA: **(Jogando o mesmo jogo)** Não se preocupe, eu estou aqui e cuidarei da porta de entrada dos seus “aposentos”.

RAQUEL: Bela besta você é, minha filha.

AÍDA: Agradeça por estar doente porque senão...

RAQUEL: Jamais coloquei selas em animais que fossem tão dóceis

AÍDA: E segue com a cantilena.

RAQUEL: Chegue mais perto, filha, quero te dizer algo.

AÍDA: Não me chame de filha, pois sou tão velha quanto a senhora.

RAQUEL: Embaixo de mim existe uma orquídea.

AÍDA: Está delirando; e pare de comer terra que está me deixando histérica.

RAQUEL: Não estou dizendo que estou sobre uma orquídea e sim que embaixo de mim existe uma orquídea.

AÍDA: Não estou entendendo, que quer que eu diga, não a entendo.

RAQUEL: Nem eu me entendo.

AÍDA: Então porque fala.

RAQUEL: As palavras saem da minha boca e se prendem ao mundo como garras, são como uma ponte entre mim e o mundo, se desaparecessem as minhas palavras desapareceria a ponte e eu ficaria deste lado sem poder passar para o lado da vida, ficaria em...

AÍDA: Onde, Raquel, onde?

RAQUEL: Tenho medo, Aída, tenho medo.

AÍDA: Fique tranqüila que eu estou aqui, olhe os músculos que eu tenho de tanto cortar lenha; eu posso lutar contra qualquer coisa, até com a vida, e se essa sacana lhe dá as costas, juro que vou e trago ela de volta arrastada.

RAQUEL: Bela besta você é, minha filha.

AÍDA: E a senhora é uma grosseira, que quer me deixar sozinha.

RAQUEL: A principio escutei uns ruídos dentro de mim.

AÍDA: São as tripas, senhora, e se continuar a comer terra o ruído em breve se transformará em uma explosão.

RAQUEL: Não, é uma orquídea que cresce aqui nas minhas entranhas; às vezes fico quieta e posso escutar como o vento balança a minha alma. Olhe para mim Aída e se assegure que é a mim que você está vendo.

AÍDA: É a senhora, Raquel, está um pouco verde, um pouco clorofilada, é claro, mas é pela febre; beba água, é bom para a febre e também para as orquídeas.

RAQUEL: *(Delirando)* Daqui posso ver a rua mas não toda a rua, só o pedaço que posso ver daqui da varanda, também posso ver um pedaço de cidade, não toda, só o pedaço assustadoramente perdido. Posso escutar o som das botas no piso, agora ouço como os refugiados arrastam os pés no chão, escuto tudo, mas nada vejo porque a noite cai sobre o firmamento e eu estou plantada fora, cada vez mais distante. Pronto deixarei de escutar e talvez eu desapareça como o céu. Não pare de me olhar, estou mudando?

AÍDA: Não, não está mudando.

RAQUEL: Não minta para mim, Aída.

AÍDA: Eu não estou mentido, é a senhora ainda que não acredite.

RAQUEL: Não tente me consolar.

AÍDA: Se a senhora estivesse se transformando em orquídea eu diria.

RAQUEL: Duvido.

AÍDA: Por que?

RAQUEL: Porque você quer se proteger.

AÍDA: Proteger, de que, de uma orquídea?

RAQUEL: Não sei.

AÍDA: Se debaixo da senhora houvesse uma fera, sairia correndo, mas de uma orquídea...

RAQUEL: Você quer se proteger dos meus sentimentos.

AÍDA: Jamais pude me proteger de um sentimento.

RAQUEL: Então por que não quer me dizer a verdade?

AÍDA: Mas que verdade quer que eu lhe diga?

RAQUEL: Que a terra já começou a me devorar.

AÍDA: É a senhora que devora a terra.

RAQUEL: Nisso você esta equivocada.

AÍDA: Mas se eu vejo você, vai, anda, coma terra se gosta, eu prefiro o presunto cru das montanhas, é a única coisa de que tenho saudades desse país que os fanáticos chamam de minha pátria.

RAQUEL: Foi isso que você perdeu.

AÍDA: A única coisa que estou perdendo é a paciência.

RAQUEL: E a blusa que eu te dei faz um ano.

AÍDA: Faz um ano que eu a dei a um camponês para que ele fizesse umas cuecas.

RAQUEL: Por isso você se veste de maneira ridícula.

AÍDA: Me visto como todos se vestem por aqui, se os que não se vestem como a senhora se vestem de maneira ridícula, então esse lugar está cheio de gente ridícula.

RAQUEL: Por que tenta ser outra, minha sombra?

AÍDA: Porque sou outra e não sua sombra.

RAQUEL: Gostaria que me regasse.

AÍDA: O que?

RAQUEL: Jogue água em mim.

AÍDA: Está febril.

RAQUEL: **(Explodindo)** Este lugar é um deserto de merda, quero ir embora daqui! Não suporto esta sede, estou exposta, fora, no deserto, em que rua estava plantada, em que varanda! A orquídea está fincando sua raiz no meu coração. Chegue perto, escute. Quem encheu de areia ao meu redor? Não estou suportando, não suporto. Tire-me daqui, Raquel, preciso de ajuda, tire-me daqui. **(Como uma menina)** Olha, eu te darei este tinteiro que o meu primo me deu, meu primo me deu, é um tinteiro novo com tinta da China. Meu pai diz que se alguém desenha com tinta chinesa, os olhos ficam rasgados como o dos chineses, então todos irão lhe apontar e dizer que você tem os olhos oblíquos dos quais saem lágrimas oblíquas. Tenho medo. Aída, onde você está?

AÍDA: Estou aqui.

RAQUEL: Não quero chorar obliquo, quero chorar redondo.

AÍDA: Chore, como as lágrimas são água, vai saber de que manancial elas são.

RAQUEL: Sou uma orquídea, não sou?

AÍDA: Não, não é.

RAQUEL: Mas você irá me regar todas as tardes, não?

AÍDA: Não, não vou fazer isso.

RAQUEL: Está entardecendo, quero voltar para minha casa.

AÍDA: Não podemos.

RAQUEL: É que eles disseram que eu não voltasse tarde.

AÍDA: Cale-se.

RAQUEL: Você quer me assustar, não é?

AÍDA: Basta!

RAQUEL: É você , Aída? Quer me assustar?

AÍDA: Sou eu, não tenha medo.

RAQUEL: Minha mãe vai me castigar.

AÍDA: Por que?

RAQUEL: Porque já é tarde.

AÍDA: Eu vou dizer a ela que não te castigue.

RAQUEL: Vou chegar tardíssimo.

AÍDA: Talvez nunca chegue.

RAQUEL: E ainda por cima transformada em orquídea, ela irá se irritar, se irritar porque sou uma orquídea, não é verdade?

AÍDA: Não, não é.

RAQUEL: Pura inveja!

AÍDA: Imbecil!

RAQUEL: **(Angustiado)** Este é um deserto de merda, eu quero ir embora daqui.

AÍDA: **(Explodindo)** Não podemos voltar, entenda! Você não é uma menina, tão pouco uma planta, é apenas uma mulher desesperada, não mais desesperada do que eu e que muita gente. Orquídea, claro, é mais fácil ser uma plantinha do que ser uma pessoa! Ninguém pode lhe pedir dinheiro e todo mundo cuida de você, não tem que trabalhar e quando as pessoas te vêem dizem: Ai, que bela flor, como é perfumada, como eu gostaria de tê-la na sala da minha casa...!
Não, senhora, somos gente e, além disso, somos estrangeiras; todos nos olham, é certo, mas como se olha para os idiotas, com uma certa vergonha e desprezo e ninguém nos quer em suas casas, porque ninguém tolera nossa imagem hedionda, porque falamos de uma outra maneira, porque somos negros, brancos, vermelhos, azuis, mas sobretudo porque somos pobres e é mentira que onde comem dois comem três; para a maioria onde comem dois, comem dois e ponto final ou onde comem dois come um, melhor, como sempre acontece. Perdão, me perdoa, a senhora é uma orquídea e eu sou uma pedra.
Esqueça tudo que acabo de dizer; às vezes sou um pouco atrapalhada e digo coisas que sinto aqui, no meu estômago. Olhe que coincidência: a senhora tem uma orquídea e eu tenho raiva e as temos no mesmo lugar, mas em todo caso é melhor ter uma orquídea onde sempre se tem angústia e raiva e merda...
Perdoe-me eu a deixei triste

RAQUEL: **(Saindo do estado febril)** Sempre estou triste.

AÍDA: Claro, não temos muitos motivos para nos matarmos de rir, mas um sorriso de vez em quando vem a calhar.

RAQUEL: Primeiro me manda a merda e logo queres que eu ria.

AÍDA: Com o pilão socando e a Deus rogando, isso é que eu sempre digo.

RAQUEL: Bela besta você é, minha filha.

AÍDA: Vamos começar de novo?

RAQUEL: Mas se nunca começamos.

AÍDA: Agora não me venha com essa, e todo o numerito da orquídea?

RAQUEL: Orquídeas?

AÍDA: Limpe a boca que ainda está cheia de barro.

RAQUEL: Eu comi terra?

AÍDA: Não as palavras traziam demasiado lodo.

(Black-out)

15

RAQUEL: Havia uma foto: meu pai e minha mãe, frios e distantes, dividi a foto ao meio e arranquei minha mãe do meu pai, coloquei os dois pedaços um ao lado do outro e no espaço entre eles coloquei as palavras medo, esquecimento, desejo, exílio, no espaço extirpado de afetos. Você seria capaz de cometer um ato extremo?

16

(A luz se acende sobre Raquel e Aida, que caminha de forma circular em baixo da luz de um elipsoidal)

RAQUEL: ***(Com um facão nas mãos)*** Arranque!

AÍDA: Não vou fazer isso. Entendeu? Eu não vou fazer isso.

RAQUEL: Está podre, tens que fazer.

AÍDA: Está mentindo.

RAQUEL: Por que você crê que eu quero me machucar?

AÍDA: Não sei, a senhora sabe, não eu..

RAQUEL: Aída, não tenha medo.

AÍDA: Não, Raquel, não...

RAQUEL: Você não vai me matar, apenas irá extirpar um pedaço do meu corpo, um pedaço apodrecido. Você pode fazer isso olhando para a quietude da tarde.

AÍDA: Se a senhora quer se cortar em pedacinhos que faça longe de mim, mas a senhora não vai me arrastar para essa carnificina.

RAQUEL: É tarde, Aída. Você tem que fazer isso. Chegamos à parte mais densa do bosque onde tudo está calado. Morre-se por partes, essa é a maneira de se morrer longe de casa... Morre a mão com que se escreve, morre a mão com a qual escrevemos todos os postais, morre a contemplação e se perde de vista a infância e morre a razão, então nada mais tem sentido. Em mim morreu o pé com que caminho, poderei descansar sem a memória dos passos que dei. Você tem que fazer isso, tem que me ajudar a descansar.

AÍDA: Se eu lhe arranco a perna, logo me pedirá que eu lhe arranque o coração.

RAQUEL: Flores que são arrancadas à nevoa morrem no exato instante de serem extirpadas da terra onde nasceram.

AÍDA: A senhora me ensinou a estudar essas flores e me ensinou que uma mesma raiz poderia fazer com que cresçam quantas flores quisermos. A raiz está agarrada à terra da mesma maneira que eu me agarro à vida. É como uma guerra, a mesma que redimem as flores arrancadas à nevoa, para que voltem a nascer depois da morte.

RAQUEL: Eu não quero nascer de novo.

AÍDA: Mas iremos voltar àquela rua...

RAQUEL: Eu já não quero voltar.

AÍDA: Mas, Raquel...

RAQUEL: Pegue o facão e que o golpe seja certo.

AÍDA: Cale-se!

RAQUEL: Mas você não entende o que está acontecendo? Eu estou apodrecendo, comecei a me decompor. Abra os olhos e veja como me corrompo. O que espera, que os meus sentimentos apodreçam? Você tem que estripar a minha perna porque eu

não posso fazer isso, porque se mutilar é a única coisa que um ser não pode fazer a si mesmo. Porque se mutilar é o fim e o principio do exílio, o fim e o principio do castigo, porque necessito que o castigo seja executado e seja evidente para que eu possa levar a minha perna podre pelo mundo e dizer para as pessoas: vejam a minha perna, foi arrancada do meu corpo porque seu passo era descompassado. Olhem como castiguei a minha pobre perna descompassada!

AÍDA: Cale-se! Você não suporta estar inteira, você tem que se ferir, tem que sangrar, é a sua alma que irá usar muletas, não você.

RAQUEL: Olhe nos meus olhos, se algum dia eu pedir que me mate você fará sem compaixão. Vivemos tantas coisas juntas que nunca poderemos esquecer coisas que nos uniram para sempre. Mendigamos a roupa com que nos vestimos, mendigamos para ter onde viver e comer, fomos ruins, mas estivemos juntas na mendicância e no medo e sabemos que se pedimos algo é porque necessitamos. Agora pegue o facão e execute num só golpe.

AÍDA: **(pegando o facão)** A senhora não necessita de um país, não necessita de um quarto onde viver... Vejo com nitidez o que tem nos seu olhos, no fundo dos seus olhos existe raiva e náusea, sua represália é a solidão, ficar só. A senhora nunca poderá voltar porque alcançou a quietude dos que vivem em nenhum lugar.

(Aída faz um gesto de golpear a perna de Raquel)

(Black-out)

17

(A luz se acende e as duas personagens estão sentadas na mesma posição da cena inicial)

AÍDA: E isso é tudo?

RAQUEL: Sim, é tudo.

AÍDA: E qual era?

RAQUEL: Qual era o que?

AÍDA: A perna doente, qual era?
RAQUEL: Qualquer uma das duas, dava no mesmo.
AÍDA: Parece que o meu trem está chegando.
RAQUEL: O meu também.
AÍDA: Adeus.
RAQUEL: Adeus...

FIM